

DA SECESSÃO DO OCIDENTE AO DIÁLOGO DAS CIVILIZAÇÕES *

Roger Garaudy * **

A tentativa do diálogo das civilizações ultrapassa largamente os problemas da história e mesmo os da cultura.

Quatro séculos de dominação, pelo Ocidente, sem partilha, do século XVI à metade do século XX, levaram a ser imposto ao mundo todo o modelo faustiano de cultura ocidental, isto é, uma concepção "unidimensional" do homem, votado ao cientismo positivista e à técnica a serviço da vontade de poder do indivíduo. Este modelo de cultura comanda um modelo de desenvolvimento caracterizado por um crescimento quantitativo sem fim, de produção e de consumo.

O colonialismo e suas seqüelas de hoje, consistiu em integrar, pela força ou pelo ardil, todos os outros continentes a este modelo de cultura e ao modelo de desenvolvimento que dela decorre.

A ambição cartesiana e faustiana de domínio da natureza e de afirmação da onipotência do homem desembocou no seu contrário:

— relações com a natureza que a reduzem a ser apenas um reservatório de matérias-primas e um depósito dos resíduos industriais, não levavam a dominá-la, mas a esgotar os seus recursos e a destruir o meio ambiente do homem;

— relações com o homem que o reduzem a ser apenas produtor ou consumidor, ou cidadão abstrato, conduziram as sociedades ocidentais a oscilar constantemente entre um individualismo de jungle e a um totalitarismo de termiteira;

— relações com o futuro concebidas por uma futurologia positivista sob a forma exclusiva de uma extrapolação tecnológica, a partir do passado e do presente, levaram a excluir toda reflexão a respeito das finalidades próprias do homem, a arrancar o homem da sua dimensão especificamente humana: a transcendência, isto é, a possibilidade permanente de ruptura com o passado, a fim de permitir a emergência poética de formas inéditas de vida.

*

(*) Conferência pronunciada na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Tradução de Constança Marcondes César.

(* *) "Agrégé" de filosofia, doutor em Letras, professor da Universidade de Poitiers.

O objetivo principal do diálogo das civilizações é ajudar a tomar consciência — não somente por alguns especialistas ou alguns filósofos, mas pelas grandes massas populares — que aquilo que esses problemas mundiais colocam hoje (e dos quais os mais importantes foram engendrados por uma hegemonia ocidental excessivamente longa e exclusiva) só pode ser resolvido por um diálogo com as civilizações não-ocidentais, a fim de se conceber e viver relações novas entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem, entre o homem e o sagrado.

Nossa tentativa vai de encontro, assim, aos princípios formulados no "Anteprojecto a Curto Prazo da UNESCO (1 977 — 1 987). Na introdução a este plano, o Diretor-Geral da UNESCO, M'Bow, enunciava, deste modo, a regra de ouro: "É no interior de uma sociedade, de uma cultura, no sentido mais amplo, que se põem as questões de crescimento". E propunha 'um caminho capaz de estimular a criatividade **'endógena'** em cada país, a fim de que o desenvolvimento não se opere à custa do sacrifício da identidade cultural.

Somente assim pode ser aberta a perspectiva de uma cultura planetária, fundando uma verdadeira unidade humana, não sobre uma mistura eclética, mas sobre uma concepção não mais hegemônica, mas sinfônica, da cultura.

Este é o caminho por excelência para que os povos, tanto tempo sujeitos ao Ocidente, escapem enfim das leis de um desenvolvimento exógeno, estranho à sua cultura e imposto pelo colonialismo.

É o caminho por excelência, também, da própria sobrevivência da espécie humana, cujas descobertas na ciência, na física e na biologia tornam, hoje, tecnicamente possível a total destruição.

Não se trata, absolutamente, de negar as contribuições do Ocidente, mas, ao contrário, de dar-lhes seu lugar, todo o seu lugar, mas nada mais que seu lugar, e, principalmente, de ordenar os poderes da ciência e das técnicas em vista de fins conscientes propriamente humanos.

Somente assim poder-se-á prosseguir humanamente a espécie humana, começada há três milhões de anos.

*

Um cosmonauta, pisando o solo da lua, escrevia, ao voltar: "Vista daqui a Terra era bela, luminosa; era una e pacífica". Pela primeira vez

um olho humano percebia a terra na sua totalidade. Sem fronteiras, num espaço sem horizontes limitados.

Chegaremos a compreendê-la deste modo no tempo ? Na unidade de sua história ? Desde as auroras das civilizações, desde as primeiras incandescências do pensamento e do amor, até nossa esperança e nosso projeto da unidade humana.

Com o instrumento, com o primeiro sílex arrancado, o homem tomou distâncias do real. O futuro começa a existir para ele. O homem torna-se responsável por sua história: não será feito por ela, mas ele a fará. Seremos capazes, hoje, de assumir esta responsabilidade ?

Quando acordam as primeiras civilizações nos deltas limosos dos rios: do Tigre e do Eufrates, do Nilo e do Indo, do Hoang-Ho, começam as trocas e a fecundação recíproca. A Mesopotâmia encontra o Egito pelo "crescente fértil" e a Índia nascente de Harapa e de Mohenjo-Daro, pelo caminho dos mares.

Do Hoang-Ho, há dezoito mil anos, provavelmente pelo estreito de Behring, homens atingem a América e, em alguns milhões de anos, a Terra do Fogo, veiculando técnicas e artes cujas analogias ainda hoje são surpreendentes, da China aos Maias, enquanto barcos frágeis seguiam, de ilha em ilha a rota das monções.

São os primeiros entrelaçamentos de civilização contemporâneas de seus primeiros berços.

*

Estas quatro primeiras ilhotas de civilizações, já bem fortemente ligadas pela troca e o diálogo que suas criações respondem umas às outras, como as rimas de um só e belo poema, seriam varridas por um ciclone universal ?

Do ano mil ao ano 600, um vasto cataclismo natural: a descida dos gelos e do frio empurrou os povos nômades das estepes, do rio Amor até o Dom, a se arrojarem, para poder subsistir, nos quatro ricos vales do Sul.

As primeiras civilizações serão submersas e aniquiladas ? A primeira epopéia da criação do homem acabará nas chamas das cidades incendiadas ?

Mil anos antes de nossa era, a ameaça da regressão e do aniquilamento.

Os homens saberão inventar seu futuro ?

*

Os povos da guerra foram reprimidos: os hunos pelos chineses, os assírios pelos persas.

E quando as vagas sucessivas das invasões se tornaram tranqüilas, as culturas se fecundaram mutuamente: a arte animalista dos nômades das estepes, com formas dançantes e estilizadas, deu vida nova às simetrias e aos ritmos estáticos das civilizações agrícolas fixadas no solo. Os jades e os bronzes da China, como os tesouros de Zigwia no Irã, testemunham esta fecundação recíproca.

*

A humanidade conheceu, então, no VI século antes da nossa era, a mais maravilhosa floração.

Em todos os pontos do mundo ao mesmo tempo, o homem se ergue em toda sua grandeza e põe as questões de que ainda vivemos.

Num único século ressoaram sobre o mundo:

- a voz dos Upanishades e a de Buda, na Índia;
- de Zaratustra na Pérsia;
- dos profetas Isaiás e Ezequiel entre os hebreus;
- de Lao-Tse e de Confúcio na China;
- de Heráclito e de Pitágoras na Grécia;
- enquanto florescia na América as civilizações de Chavin no Peru e dos Olmecas no México;
- Na África a civilização Nok, que continuará a inspirar, séculos mais tarde, as de Ifé e dos Iorubas.

De todas estas iluminações, a humanidade ainda vive.

Chegarão a se encontrar ?

Se chegassem a se encontrar amanhã, o homem obteria a vitória na sua divina epopéia.

A partir de todas as iluminações do século VI antes de nossa era, o mundo podia abrasar-se como um único fogo, como um só mundo, como uma única vitória do homem.

*

Mas não: existirão muitos mundos que se ignorarão ou que se oporão.

Por dois milênios.

A América atrás de seus oceanos.

A África do outro lado de seus desertos.

E, no bloco que a terra apesar de tudo reúne, da Ásia e de sua península, a Europa, a falha maior: a do espírito.

No século de ouro da humanidade, o século VI antes da nossa era, o homem, simultaneamente em todas as civilizações, era habitado por deus e um resumo da natureza inteira.

Foi então que sobreveio a **primeira secessão do Ocidente**, a escolha definitiva pela qual ele se separou do resto do universo.

O Ocidente é, inicialmente, a Europa, esta parte do mundo única em que nunca nasceu uma grande religião.

A escolha do Ocidente foi a de tomar posse do mundo pela medida e tratar a natureza como um conquistador.

A expressão mais alta e blasfema desta primeira afirmação da vontade de poder do homem ocidental é, no século V, o **Prometeu** de Ésquilo, recordando que trouxe aos homens saber e técnica, artes e meios, e proclamando: "Odeio todos os deuses".

O homem ocidental separa-se, assim, da natureza: não quer mais fazer parte dela, mas ser seu senhor e proprietário.

E ele mutila sua dimensão divina, isto é, afasta-se desta abertura à multiplicidade possível do futuro que é a transcendência e desta finalidade divina do homem, responsável pela totalidade do universo e habitado por ela. Não existem outros objetivos de ação, doravante, senão os de "pequeno eu" individual e seus desejos.

Este homem "unidimensional", separado da natureza e de Deus, torna-se, com os sofistas, "a medida de todas as coisas". Os sofistas definem, assim, seu ponto de vista: "Ter os mais fortes desejos possíveis e encontrar os meios de satisfazê-los". A concepção ocidental atual de crescimento cego está fundada nesta mutilação e nesta perversão.

Sócrates, sem dúvida — "este homem anormal", como diz Nietzsche, anormal pela pretensão de reduzir toda realidade ao conceito — Sócrates refutará as ambições individualistas dos sofistas, mas em nome da razão. E Platão, seu discípulo, opor-lhe-á o ideal de um Estado fundado num sistema de castas. O último grande filósofo desta linhagem: Aristóteles, concebendo o mundo como uma hierarquia rigorosa de idéias, à imagem de uma monarquia universal, será o preceptor de Alexandre o qual, por ter reconstituído, três séculos depois de Ciro, o Império Aquemênida, do Mediterrâneo ao Norte da Índia, criou o mito de um império universal unificando o mundo pela força.

*

Permitam-me, aqui, abrir um parêntese a respeito de um incidente que mostra quanto os mitos estão vivos e exercem ainda, hoje, um papel político para justificar a hegemonia ocidental.

Em meu último livro a respeito do **Diálogo das Civilizações**, tendo intitulado um capítulo de: "O Complexo de Maratona", no qual — apoiando-me nos trabalhos de Amir Mehdi Badi — denunciava o mito segundo o qual esta batalha entre os gregos e os persas era uma vitória da "civilização" sobre a "barbárie", foi feita violenta campanha de fanatismo patriótico contra meu livro, na imprensa grega e causou até mesmo uma declaração violenta do Ministro da Cultura da Grécia.

Incidente simplesmente ridículo, se não demonstrasse como a manipulação da história serve, ainda hoje, para envenenar as relações entre os povos e para impedir um verdadeiro "diálogo das civilizações". Continua-se a nutrir o mito da excepcionalidade ocidental, que tende a fazer acreditar que o Ocidente sempre foi o centro do mundo, o centro do progresso histórico e da criação dos mais altos valores.

*

Este mito encontra sua expressão mais sombria na dominação do Império Romano, vivendo da espoliação de todos os povos do contorno do Mediterrâneo. Roma, e depois dela, quinze séculos da história do Ocidente, tiveram a dupla ilusão de deter o império do mundo e de ter o monopólio da "civilização" contra a "barbárie", enquanto os povos e as culturas do Irã, da Índia, da China, sem falar da África Negra e das Américas, escapavam inteiramente de seu âmbito.

O que permanece, é que no exterior deste irrisório "ecumenismo", tudo o que tentava escapar a esta razão glacial, calculadora e dominadora, era esmagado ou recuperado.

*

Quando o cristianismo nasceu no Oriente Próximo, com a mensagem de Cristo, a espiritualidade do Oriente ensinou, uma vez mais, que o "Reino" está além do mundo sensível, das suas aparências e seus poderes; tal palavra se expandiu inicialmente de Antioquia a Alexandria, quer dizer, na Ásia e na África.

Anunciava uma radical inversão de todos os valores, identificando Deus, não com a onipotência do imperador romano deificado, mas com o Crucificado.

Ao Eros platônico, opunha o amor incondicional, de que a cruz era o símbolo e a garantia.

Mas, quando esta fé ganhou, como um incêndio, os povos curvados sob o jugo romano; quando os fracos se tornaram uma força, Constantino, o imperador de Roma, para servir-se desta força, proclamou-se convertido ao cristianismo, transformando a fé num Cristo que se revelava na miséria da cruz, na Igreja de um Deus onipotente, garantia das hierarquias humanas. Não estava longe o tempo em que o Cristo apareceria num mosaico, com o uniforme de um general bizantino.

É o grande fracasso histórico de esperança cristã, integrada daí por diante no projeto prometico do Ocidente e seus senhores.

*

O Ocidente entrava na noite da Alta Idade Média, enquanto se sucediam os apogeu das culturas do Oriente.

E, primeiramente, a partir do século III, o apogeu da Índia dos Guptas viu desabrochar, num império liberto das ameaças dos hunos, as mais altas formas da espiritualidade e das artes, com as pinturas e as esculturas de Ajanta, Elore, Elefanta, com os poemas e o teatro de Kalidesa, com as matemáticas e a astronomia, com a filosofia de Nagarjuna. Um século depois do fim da dinastia Gupta, a espiritualidade atingirá um dos seus mais altos ápices humanos com Çankaracharya. Sua filosofia permite que se tome consciência do contraste chocante entre a concepção ocidental e a concepção oriental do homem: no Ocidente, o indivíduo é um átomo fechado em si mesmo e separado dos outros por um vazio. Çankara, como toda a tradição oriental, vê no homem uma vaga habitada pelo oceano, identificando-se e adquirindo pleno sentido pelo oceano:

“Ó Senhor, eu sou em Ti.
 Tu não és em mim.
 As vagas pertencem ao Oceano,
 O Oceano não pertence às vagas.”

*

A China atinge seu apogeu, logo depois da Índia (e, em grande parte, graças ao diálogo com a Índia dos Guptas), com os Tang e os Song. Sua poesia floresce, de Li-Po a Sou-Tong Po e, com ela, a mais bela pintura paisagística que o mundo conheceu quando, do encontro entre o budismo, procedente da Índia e o taoísmo, nasce a iluminação Tch'an, que se tornará o Zen no Japão.

*

Estas civilizações no apogeu serão aproximadas pelo Islã que se desfralda, como um ciclone fecundante, do mar da China ao Oceano Atlântico.

Longe de negar as civilizações dos diferentes povos, o Islã integra as contribuições de sua cultura e as faz irradiar em três continentes.

No Irã, durante o império sassânida, empresta suas artes refinadas e as expande no mundo: motivos sassânidas serão, assim, reencontrados na França, nos capitéis das catedrais de Moissac e de Vézelay; as pinturas das miniaturas persas, chinesas e indianas se fecundam mutuamente e da síntese da velha

cultura iraniana, da religião de Zaratustra e do Islã, nascerá a filosofia profética de Schravardi e a poesia dos grandes místicos do Irã, Atar e Roumi, Hafez e Saadi.

Do mundo helênico, de Bizâncio a Alexandria, a expansão islâmica salvaguardou as ciências e as filosofias da Grécia. Muitos séculos mais tarde, a Europa as reaprenderá nas traduções árabes.

Um dos grandes ancestrais do diálogo das civilizações, Ibn Arabi, desde o século XII, no seu livro: **A Sabedoria dos Profetas**, esboçou a visão do "homem universal", califa de Deus para a salvaguarda divina do mundo. Ele reconheceu, em cada religião, os mensageiros e as testemunhas de Deus, de Adão a Abraão, de Moisés a Jesus e Maomé, revelando-nos que "Deus é o espelho no qual vemos a nós mesmos".

A cultura e a civilização muçulmanas, ricas em virtude de uma poderosa ciência da natureza e de uma mística próxima da dos videntes da Índia, da China, do Irã, puderam ser o ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente. Puderam fazer convergir todas as forças da vida, de uma a outra margem.

*

Foi então que se produziu a **segunda secessão do Ocidente**. O Ocidente pronunciava sua segunda recusa: a das Cruzadas.

Pregadores fanáticos lançaram em caminhos fatais inumeráveis infelizes, à ilusória conquista de um túmulo que se sabia estar vazio; excitavam a cupidez de senhores aventureiros ou de armadores e traficantes venezianos, alucinados pelas riquezas do Oriente.

Depois de ter guerreado em vão dois séculos por reinos efêmeros, em Antioquia e em Jerusalém, o último cruzado embarcou em São João d'Acre, em 1 291.

Desencadeiam-se então as vatas invasoras dos turcos de Baiazid; depois, dos Mongóis de Tamerlão.

Após a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1 453, o Ocidente corta suas relações diretas com o Oriente durante quatro séculos. Cortada a rota de seda, que veiculava da China ao Mediterrâneo, através das caravanas dos mercadores, os refinamentos das artes, do pensamento e da civilização chinesas que, no século XIII, emocionaram Marco Polo. Cortada a rota das espe-

ciarias, a da Índia e do Golfo Pérsico, com as preciosidades de suas miniaturas, seus marfins, seus sonhos fabulosos.

Separados do Oriente a Leste do Mediterrâneo, os negociantes de Gênova, Portugal, Espanha, buscavam atingi-lo por outros caminhos, contornando a África ou atravessando o Oceano.

Mediterrânea há vinte séculos, a civilização ocidental tornava-se, dali por diante, atlântica.

*

Contudo, acima da Igreja belicosa e mercantil das Cruzadas e do tráfico de indulgências, o fogo do Evangelho foi preservado. O sopro profético de um cristianismo enraizado nas iluminações do Oriente: que o "eu" morra para que Deus permaneça ! Sopro de Jesus, para quem o homem "desperto" para a verdadeira vida torna-se, como nos Upanishades da Índia ou os sufis do Islã, o espelho de Deus.

Os Cátaros, nutridos pela gnose muçulmana do Egito e pelo Maniqueísmo de origem iraniana, arrastam todo o Ocidente, no século XII, contra as riquezas e os poderes da Igreja.

No século XIII, Dante continua a tradição dos "Fiéis do Amor" de Rusbehan de Chiraz: "É no livro do amor humano que deciframos o amor divino". São Francisco de Assis busca os braços terrestres deste amor divino nas criaturas mais humildes e vai, sem armas, em plena Cruzada, em 1219, encontrar na Síria o sultão Malek el Kamel, que o recebe com admiração. É Joaquim de Fiore, tão perto da filosofia profética de Schravadi, que conheceu nas suas viagens ao Oriente Próximo. É Mestre Eckhardt, referindo-se a Ibn Sina e descobrindo, no coração do homem, como os grandes inspirados da Índia e do Islã, a mais alta realidade de Deus.

*

A Renascença, isto é, o nascimento simultâneo do capitalismo e da aventura colonial tenta destruir este cristianismo, exaltando a vontade de poder do indivíduo, cada vez mais indiferente ao divino, faz da ciência, separada da sabedoria, a serva dos apetites de domínio sobre a natureza e sobre os homens.

Os aventureiros, possuídos da febre do ouro, massacram homens na América e destroem as civilizações de um continente inteiro.

A aventura colonial começou com o genocídio dos índios.

E continuou, com o mais atroz atentado contra a unidade humana: o tráfico dos negros da África. Dez milhões de escravos são deportados para a América, para substituir o trabalho forçado dos índios dizimados. Dez mortos para um cativo. Cem milhões de homens destruídos.

Foi então que, no Ocidente, Deus começou a morrer.

Foi então que, no Ocidente, começou o culto dos ídolos dourados do poder e da expansão.

A Renascença proclamava uma liberdade que negava a liberdade do índio e do negro. Proclamava um humanismo que era o humanismo do "eu" europeu, o de Descartes e dos "conquistadores" (*).

Tal é o drama que se desenrola na Renascença e do qual vivemos as últimas convulsões, neste fim do século XX.

As grandes revoluções burguesas, que se pretendiam "universalistas", permaneceram ocidentais: a Revolução Americana não aboliu a escravidão e a Revolução Francesa, apesar da sua "Declaração dos Direitos do Homem" confirmava, por seu decreto dos 8 de março de 1790, a propriedade dos colonos sobre seus escravos.

Esta unidade humana do diálogo das civilizações, que as revoluções do século XVIII não realizaram, foi entrevista inicialmente pelos artistas, pelos pintores ou poetas.

Por Dürer, que foi o primeiro a reconhecer a grandeza da arte dos Astecas. Por Rembrandt, copiando, depois de Bellini, as miniaturas persas.

As primeiras tentativas de síntese verdadeira nascerão somente na aurora do século XIX, com o "Divã Oriental — Ocidental" de Goethe que descobre, nos poemas indianos de Kalidasa, nos poemas persas de Haféz e Saadi, aquilo que ele chama de "uma segunda puberdade".

Delacroix se encanta, em Marrocos, com formas que se buscavam, outrora, só na antiguidade grega. Os impressionistas começam a se libertar das convenções pictóricas da Renascença graças à estampa japonesa. Os expressionistas alemães e depois os cubistas e os surrealistas descobrem, nas esculturas

(*) em português no original

da África e da Oceania, uma inversão profunda no significado da arte: não se trata mais de transpor as aparências, mas de "tornar visível o invisível". Paul Klee e Matisse dizem o que devem às artes do Islã, da miniatura à decoração arquitetônica.

*

Hoje terminou o tempo do monólogo cultural do Ocidente. De suas secessões e de sua hegemonia.

É chegado o tempo do diálogo das civilizações, se o homem quiser franquear, sem morrer, o terceiro limiar de sua história.

O primeiro, foi o nascimento do homem, com o utensílio.

O segundo foi o nascimento da civilização com a agricultura.

O terceiro é o da manipulação do átomo no coração da matéria e da manipulação dos genes no coração da vida. O homem tem, doravante, o poder de anular todas as suas conquistas anteriores. Tem o poder técnico, pela manipulação do átomo, de abolir qualquer traço de seis mil anos de civilização e até de destruir qualquer traço de vida sobre a terra.

Os sonhos de domínio da natureza, de Descartes e Fausto, conduzem à poluição do mundo e ao esgotamento dos recursos naturais.

Conduzem também à transformação do homem num robô ávido e à manipulação dos cérebros e dos corações.

Outras civilizações, as da Ásia, dos Ameríndios, da África, do Islã, conceberam e viveram outras relações com a natureza, o homem, o divino.

Os problemas colocados em escala planetária exigem respostas em escala planetária.

Só resolveremos esses problemas se chegarmos a recriar a tessitura humana, desintegrada por quatro séculos de colonialismo e hegemonia ocidental. Só os resolveremos se conseguirmos desenvolver, entre todas as culturas do mundo, um verdadeiro diálogo das civilizações.

E só existe verdadeiro diálogo quando cada um está convencido, de início, de que existe qualquer coisa a aprender com o outro.

Só existe verdadeiro diálogo das civilizações se cada um estiver convicto de que o outro homem é aquilo que lhe falta para ser plenamente um homem.